

## Celso Furtado: os momentos de uma vida e de uma obra<sup>4</sup>

**Rosa Freire d’Aguilar<sup>5</sup>**

Celso Furtado nasceu no sertão da Paraíba, na cidade de Pom- bal, em 26 de julho de 1920. A família por parte de pai tinha muitos funcionários públicos, advogados, juízes e, acho que, seguindo essa herança da família, da influência do pai, Celso se encaminha, naturalmente, para o Direito. Ele acabou indo para o Rio de Janeiro, com dezenove anos, para fazer a Faculdade de Direito, e quando estava no terceiro ano, cursando uma matéria chamada Direito Administrativo, abriu os olhos para os estudos de Administração.

Foi assim que, aos 22 anos, ainda no terceiro ano da facul- dade, faz um concurso do DASP, o Departamento Administra- tivo do Serviço Público, que tinha sido criado por Getúlio. O ór- gão centralizava os concursos para todas as carreiras de funcio- nários do Estado, Celso fez o concurso para Técnico de Adminis- tração e passou em primeiro lugar. Ele ingressou numa profis- são que na época estava começando, e que lidava com adminis- tração e organização, ou programação: era esta a palavra que se

---

4 O artigo foi transcrito a partir da fala original na XV Semana de Gestão de Políticas da USP, ocorrida de forma virtual em outubro de 2020. O texto preservou a oralidade da apresentação, apenas com pequenas adaptações. A versão original pode ser consultada na página oficial do Centro Acadêmico Herbert de Souza: [https://www.youtube.com/channel/UCM2g7JGjdr-30tE5BVcw\\_Pw/videos](https://www.youtube.com/channel/UCM2g7JGjdr-30tE5BVcw_Pw/videos)

5 Jornalista, tradutora e membro do Conselho Deliberativo do Centro Celso Furtado.

usava nos anos 1940, que depois foi evoluindo e passou a se chamar planejamento. Esses jovens do DASP seriam, digamos, os ancestrais dos atuais gestores públicos.

Celso, ainda morando no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista numa revista ilustrada, na qual fez um pouco de tudo; ele escreveu, fez um pouco de crítica literária, crítica musical. Sempre foi muito ligado à música clássica e teve a chance de conhecer nessa época o Villa-Lobos, que também estava no Rio. Às vezes tenho a impressão que em dado momento Celso pensou fazer crítica musical como profissão.

Ele trabalhou bastante nessa época com cultura, fazia crítica musical, crítica literária, entrevistava artistas. Uma curiosidade foi a reportagem que fez em Ouro Preto, durante a Semana Santa, quando se esperava a presença do cineasta Orson Welles. Ele estava no Brasil em 1942, para fazer um filme sobre o Brasil — *It's all true* — e Celso era na redação do jornal um dos poucos, se não o único repórter, que falava inglês. Foi posto para acompanhar a viagem do Orson Welles no Brasil e as filmagens foram basicamente no Rio de Janeiro. Depois, em uma viagem a Ouro Preto, na Semana Santa de 1942, já estava tudo marcado para o Orson Welles filmar parte do filme. Celso foi a Ouro Preto imaginando que o Welles iria. A equipe toda da filmagem foi. E na hora agá o cineasta deu o bolo. Mas Celso voltou da viagem com uma bela e extensa reportagem sobre a Semana Santa.

Quando ele estava na faculdade o Brasil declara guerra aos países do Eixo, em 1942. O país dispõe-se a mandar uma força expedicionária à Itália, onde o exército americano estava lutando nesse momento. Celso estava na idade de ser convocado.

E foi. Embarcou em 1944, dias depois da cerimônia de colação de grau da Faculdade de Direito. Não chega a ficar um ano na Itália. A guerra acabou em maio de 1945, mas ele ficou na Itália até outubro, esperando um dos navios que trouxeram de volta os pracinhas. De novo no Rio, resolve então estudar Economia. É a primeira vez que ele fala que quer de fato estudar, genericamente, Ciências Sociais, entre elas, a Economia. Já desde muito cedo, Celso colocava a Economia como uma Ciência Social.

Há nos Diários intermitentes de Celso Furtado que publiquei em 2019 anotações dele, voltando da guerra, que correspondem a uma espécie de balanço de vida, feita por um rapaz de 25 anos. Naquelas linhas ele diz a si próprio, escrevendo no diário, que não quer seguir a carreira de advogado, não quer fazer carreira na magistratura. Quer continuar a estudar para compreender melhor o Brasil e a sociedade. Daí se referir às Ciências Sociais e, mais especificamente, à Economia.

Ele vem para França, em fins de 1946, para fazer um doutorado em Economia. Cursa todas as disciplinas do doutoramento propriamente, na Universidade de Paris (a Sorbonne) e defende sua tese, sobre economia colonial brasileira em 1948. Volta ao Brasil, aos 28 anos e doutor em Economia. Aí vai começar sua vida profissional. Nesse percurso, eu distinguiria quatro momentos.

O primeiro são os nove anos que ele passou na CEPAL, a Comissão Econômica para a América Latina, agência das Nações Unidas cuja sede é em Santiago do Chile. Celso vai para lá em 1949, a CEPAL tinha sido instalada fazia poucos meses e logo ele passa a dirigir a divisão de desenvolvimento. Celso ficou até 1957

na CEPAL tendo morado no Chile, no México, passado uma temporada a trabalho na Bolívia, na Venezuela. Nessa época ele se firma como um economista de perfil bastante técnico, mas já também como teórico do desenvolvimento, indo assim pegando o caminho do grande tema da sua vida, que foi o desenvolvimento e o subdesenvolvimento.

Ele volta para o Brasil em 1958, e depois de quase dez anos na CEPAL tem início um segundo momento na sua vida. É quando vai ser o homem público, o homem de ação, o planejador. Agora, o saber acumulado nos anos da CEPAL deverá ser posto em prática, e foi no Nordeste em que tudo começou. Pois quando ele volta para o Brasil, oferecem-lhe uma diretoria do BNDE, que ele aceita contanto que fosse para pensar o Nordeste especificamente.

Nesse mesmo momento, Juscelino Kubitschek era o presidente do Brasil, e houve uma seca de grandes proporções, que castigou muito o Nordeste em 1958. Juscelino, mais ocupado com a construção de Brasília, talvez tenha dado um pouco menos importância a essa seca. Evidentemente, os políticos do Nordeste e das outras partes do país cobravam de Juscelino medidas mais eficientes e urgentes para lutar contra a seca que deixou centenas de milhares de flagelados. É quando Celso é chamado por Juscelino. Ele já estava estudando o Nordeste e Juscelino pede um grande diagnóstico sobre a região. Celso vai para o Nordeste, passa uns dois meses viajando e na volta escreve o documento chamado Uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste. Apresenta-o a Juscelino, que compra a ideia do

projeto de Celso. Basicamente, Celso mostra que a política contra as secas, que estava sendo aplicada desde o século XIX, e que se resumia à construção de açudes, não estava indo muito bem. Pois não adiantava lutar “contra a seca”, que é uma realidade da região semiárida. O importante era criar as condições para, numa seca, a população estar atendida.

Para isso, era preciso fazer reformas estruturais no Nordeste, estabelecer um planejamento para enfrentar da melhor maneira possível a tragédia da seca. Esse projeto foi aprovado por Juscelino e culminou com a criação da SUDENE, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Tratava-se de uma arquitetura muito original na época, porque foi uma espécie de um órgão de planejamento, e de gestão regional, o que no Brasil não existia. O país não tinha instância regional de poder — tudo se resolvia nas instâncias federal, estadual ou municipal. Celso conta que ficou um pouco receoso que algum professor de Direito, muito zeloso pela Constituição, pudesse achar que seu projeto de cunho regional seria contra a Constituição Brasileira, contra a ideia de federalismo. Na verdade, a ideia de criar um poder regional teve seu grande “pulo do gato” na criação do Conselho Deliberativo, que era o órgão máximo da SUDENE, aquele em que todos os governadores do Nordeste se reuniam no Recife e chegavam a projeto comum, em seguida executado em nome da região.

A força da SUDENE que Celso criou era justamente esta. Mas não só: Celso tinha status de ministro, e nessa condição ele despachava direto com o Presidente da República, em nome dos nove governadores do Nordeste, em nome da região. Quando

chegavam a uma conclusão, o pleito se dirigia ao Governo Federal como o de uma região inteira, ou seja, era um peso muito grande.

Essa foi a ideia de Celso. Não foi fácil implantar esse novo formato de fazer política regional. A batalha da SUDENE foi pesada. Celso enfrentou com muita determinação forças conservadoras do Nordeste, acostumadas a um outro tipo de política, mais pessoal, mais “de grupos”. E ele teve total apoio não só de Juscelino, como dos dois presidentes seguintes: Jânio Quadros e João Goulart. Eram homens de distintas correntes políticas, mas nenhum deles cogitou em afastar Celso do comando da SUDENE.

Esse projeto todo foi interrompido com o golpe militar de 1964. E aí começa um terceiro momento na vida de Celso, depois da CEPAL, depois do homem de ação no Nordeste, do planejador. É o momento do exílio que ele teve de cumprir.

Celso passou um ano nos Estados Unidos como pesquisador da Universidade de Yale. Depois veio para a França e se tornou professor da Sorbonne, mesma universidade em que havia feito a tese. E então começa, digamos, mais um período em sua vida: a do professor, do acadêmico. Nessa época é imensa sua atividade intelectual, e grande a produção acadêmica. Nos cerca de vinte anos de exílio ele escreveu dez livros, de teoria, de política e de análise econômica, ligados ao Brasil e à América Latina. Celso foi desses exilados — o que costuma ser uma marca do exílio — para quem o expatriamento ganha uma nova dimensão: você está longe da pátria, mas a pátria não está longe de você. A pátria está dentro de você. Ele pensava e escrevia sobre os pro-

blemas brasileiros, seus cursos eram sobre economia do desenvolvimento, sobre economia da América Latina. Ele também escreveu muitos livros sobre o Brasil.

Dessa produção do exílio eu considero que há três livros importantes para quem quiser estudar os vários aspectos da obra de Celso. São livros que ele escreveu com dois anos de intervalo entre si: um em 1974, um em 1976 e um em 1978.

No de 1974, *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, ele incorpora pela primeira vez a dimensão ambiental e o custo ecológico do desenvolvimento. A pergunta subjacente às suas reflexões desse momento é: será possível estender os padrões de consumo dos países desenvolvidos ao mundo inteiro sem pagar um altíssimo custo ecológico? Seria, então, o desenvolvimento, apenas um “mito”? É muito instigante e esclarecedor todo o raciocínio feito por Celso nesse pequeno livro, em que ele põe o dedo na ferida ecológica do custo do desenvolvimento.

Dois anos depois ele escreve *Prefácio a Nova Economia Política*, em que sua reflexão mostra que já não é possível pensar o mundo apenas na moldura estreita da economia: há que incorporar outras disciplinas à “economia política”. Esse livro reflete muito a mente interdisciplinar de Celso. É evidente que ele era acima de tudo um economista. Mas talvez por ter feito Direito antes, por ter tido na História uma de suas grandes paixões, ele soube incorporar às suas reflexões outras disciplinas, transitando de uma a outra sempre com muito acerto. Convém lembrar que Celso dizia que “nunca pôde entender a existência de um problema estritamente econômico.”

Chego ao livro de 1978, que é o meu preferido, talvez porque eu não seja economista e este seja uma obra que vai muito além da Economia. Trata-se de Criatividade e Dependência na Civilização Industrial, em que Celso incorpora a dimensão cultural do desenvolvimento.

Esse período de Celso acadêmico, de Celso professor, se encerra em meados dos anos oitenta, quando o Brasil entra na luta pela redemocratização. Celso começa a voltar mais ao Brasil, mais vezes por ano e por períodos mais longos. Envolve-se na luta partidária, pela primeira vez (e única) filia-se a um partido, o PMDB, na época de centro-esquerda e presidido por Ulysses Guimarães.

Com Tancredo Neves eleito, Celso é indicado para embaixador junto à Comunidade Econômica Europeia, nome da atual União Europeia. Fomos para Bruxelas, e cerca de um ano depois ele é chamado pelo presidente José Sarney para ser ministro da Cultura. É quando voltamos para o Brasil. Nesses anos de envolvimento com a política, primeiro, no partido, depois assumindo dois cargos públicos, Celso abriu uma outra “frente” de reflexão que foi muito intensa em sua obra: a da cultura. Ele, que já tinha escrito sobre a “formação econômica” do país, nesses anos reflete sobre nossa “formação cultural” e escreve vários textos semanais sobre esse tema no país.

Quando ele deixa o Ministério da Cultura, em 1988, é como se dissesse: “dei minha contribuição”. Ainda vai escrever muito, mas eu diria que algo mais suave: os três livros de memória — que reuni em Obra autobiográfica de Celso Furtado — e coletâ-



neas de ensaios, sobre os temas que mais lhe foram caros: o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, a dependência, a globalização, o planejamento, a cultura, os problemas sociais. Foi, sem dúvida, uma vida plena, encerrada em 20 de novembro de 2004, e sempre a serviço da coisa pública e das reflexões sobre o Brasil e o mundo.